

a palavra ao Deputado Ibrahim Abi-Ackel, autor do requerimento da presente solenidade.

O SR. IBRAHIM ABI-ACKEL (PPB – MG. Sem revisão do orador.) – Exmo. Dr. José Maria Alkmim Filho, representante da família do homenageado; Dr. Leonardo Fonseca de Alkmim, filho do Dr. José Maria Alkmim; Exmo. Sr. Ministro do Supremo Tribunal Federal, Carlos Mário Velloso, Sr. Israel Pinheiro Filho, representante do Governo de Minas Gerais; Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, minhas senhoras e meus senhores, ao falar sobre José Maria Alkmim estou, desde logo, convencido da precariedade da empreitada.

Há vidas tão fecundas, personalidades tão ricas, espíritos tão representativos de seu tempo que a descrição de sua passagem na terra não pode ser reproduzida com exatidão, por mais completa relação dos seus encargos e por mais rico o rol de informações sobre sua esplêndida participação no desenvolvimento do País.

Os próprios especialistas em biografia não raro reconhecem que, a despeito de sua aptidão e de seu desvelo, faltam aos livros sobre esses homens excepcionais parte substancial da áurea que os distinguia, do elã próprio ao seu espírito, quem sabe, muito da própria vibração íntima que era a causa de sua importância e de seu fulgor.

José Maria Alkmim era um desses espíritos de escol, cuja vida, por mais que nela se escave, mais abundante se revela em acontecimentos e mais intrigantes se mostram nas nuances ricas de conteúdo, cuja importância escapa ao observador distante do tempo de sua atuação.

Para falar sobre ele não quis alinhar referências aos cargos que ocupou, nem me preocupei com a cronologia dos acontecimentos que promoveu ou de que participou como figura central, quando menos de especial e decisiva influência. Preferi deixar que sua figura emergisse aos poucos da lembrança que guardo de sua formidável presença na vida pública do País e das informações que, ao longo da minha vida, foram-me trazidas pelos contemporâneos de suas primeiras atividades.

O que desde logo impressiona aos que se acercavam de José Maria Alkmim era a gentileza natural do seu tratamento a interlocutores de qualquer classe e importância. Gentil e ameno, traduzia na espontaneidade dos seus gestos, sempre medidos, a fidalguia natural que o distinguia. Era elegante, cortês, bem vestido e amável, sem trair jamais, mesmo nas circunstâncias mais adversas, o traço falso dos bem-educados por conveniência. José Maria Alkmim

era a quinta-essência da rígida disciplina doméstica e social dos mineiros de pura origem, ao mesmo tempo descontraída e espontânea, como traços que eram de sua personalidade.

Moço ainda, exerceu reconhecida influência nas decisões do Conselho Administrativo do Estado, órgão disciplinador das administrações municipais, em cujos anais se encerram estudos de Administração e Direito Municipal, ainda há pouco lembrados por sua importância e originalidade pelo Prof. Miguel Reale, ao falar em sua autobiografia sobre o órgão congênere de São Paulo. Foi certamente no trato diário desses problemas de administração e de Direito Público, ao par de intensa atividade como advogado militante, que José Maria Alkmim armou-se cavalheiro para as grandes e invioláveis lutas que veio a travar no cenário nacional. Qualidades intelectuais e morais não faltaram a José Maria Alkmim, porém a qualidade que o distinguia, o esforço que o imortalizou foi, sem dúvida, o da atividade parlamentar e política.

É bem verdade que, logo no início de sua carreira, a chamado do Governador Benedito Valadares, o sábio político avesso aos enganos da publicidade chamou a si a responsabilidade de implantar em Minas o primeiro estabelecimento penitenciário do País, a Penitenciária Agrícola de Neves, cujo modelo foi José Maria Alkmim buscar na experiência penitenciária suíça e que, por muitos e muitos anos, constituiu o foco primeiro de irradiação das primeiras práticas de ressocialização dos condenados às penas de prisão. Tendo reduzido drasticamente os índices de reincidência criminal no Estado, a Penitenciária Agrícola de Neves, por obra da habilidade e da competência jurídica de José Maria Alkmim, constituiu uma experiência como jamais se havia feito no País e de cuja existência até hoje extraímos lições necessárias ao aperfeiçoamento ou à humanização deste chamado sistema penitenciário brasileiro, que não passa de simples depósito de homens e de idéias.

Mas o que distingue José Maria Alkmim, o que se projeta eternamente na nossa mais profunda admiração, é o político, o Parlamentar e o orador. Todos nos lembramos, mesmo aqueles que ao tempo eram simples estudantes, da sua admirável atividade como líder da reação parlamentar aos embargos militares à candidatura de Juscelino Kubitschek. Juscelino era, sem dúvida, uma estrela de primeira grandeza, mas pertencia a uma constelação de homens públicos do mais alto nível e do mais profundo desvelo para com nosso País.

Hoje, examinando retrospectivamente os dramas e as tragédias do tempo da presidência de Jus-

celino, principalmente dos pródromos de sua candidatura e das circunstâncias de sua vitória, estou convencido de que S.Exa. jamais teria terminado seu Governo se não tivesse em seu entorno um grupo esplêndido de homens de admirável experiência e de integral dedicação às atividades da vida pública, dentre os quais se destacava com o fulgor próprio do seu talento e da sua simpatia o líder parlamentar por excelência que foi José Maria Alkmim.

Não era fácil naquele tempo sustentar uma candidatura pessedista diante dos grandes nomes da União Democrática Nacional, que fez da Oposição, no curso de nossa história, uma obra-prima de contestação dos atos administrativos e políticos do Governo.

Basta dizer que, nesta falange de grandes homens da UDN, pontificava o mais soberbo gênio verbal de que temos notícia na história política brasileira, que foi Carlos Lacerda, dotado de um dom demolidor a que poucos resistiam e que, mais de uma vez, ou que, por inúmeras vezes, trouxe suspenso o País das palavras que tombavam de seus lábios através das rádios do Rio de Janeiro. O único contendor à altura que encontrou no plenário da Câmara foi José Maria Alkmim. Rápido no aparte, fulminante nos contra-aptos, sempre pronto, na tribuna do plenário, a se bater contra o gênio verbal, que foi Carlos Lacerda, sustentando sempre, à custa de todos os sacrifícios, a candidatura que abraçara pelo amor ao amigo e pela convicção política que o animava.

Naqueles dias, José Maria Alkmim, chamado o general civil da candidatura de Juscelino Kubitschek, encheu o País com sua trepidante atuação, com o chiste das suas respostas, com a simpatia envolvente da sua ação, com sua capacidade de prever e antecipar seus acontecimentos políticos, com sua convicção profunda nas vertentes da democracia e na solução democrática para a continuidade do esforço de engrandecimento de nosso País.

Todos aqui se recordam do episódio da cédula única, quando a União Democrática Nacional atribuiu ao processo de votação parte substancial do poder do Partido Social Democrático. Queria a UDN a transformação da cédula única numa folha de papel em que os eleitores devessem lançar o nome por extenso do candidato da sua preferência. De duas circunstâncias se lembrou logo José Maria Alkmim. Primeiro, de que a eleição naqueles tempos, com os nomes manuscritos pelo próprio eleitor, era impraticável por uma simples questão de tempo. E, sem confessar, estava convencido de que o nome do nosso candidato

era absolutamente impossível de ser escrito com correção na cédula cujo modelo se pretendia.

Quando ninguém esperava e quando se supunha que a batalha parlamentar fosse ser travada no plenário da Câmara dos Deputados em torno do modelo da cédula, já vinha José Maria Alkmim, em vários e numerosos contatos com as autoridades militares que ao tempo tinham profunda influência política, trazendo no bolso a cédula única, com os famosos quadrinhos que permitiam ao eleitor não escrever o nome, mas simplesmente assinalá-lo com uma cruz ou um sinal qualquer no quadrado correspondente.

A eleição de Juscelino Kubitschek foi salva pela solução da cédula única. Pior do que torná-lo viável no processo eleitoral, foi sustentá-lo durante os cinco anos trepidantes da administração de Juscelino. O País passava por uma revolução sem sangue. A civilização, como caranguejo, na curiosa linguagem dos colonistas coloniais, permanecia ainda no litoral e era subitamente transportada para o interior do País, no retângulo traçado no deserto do Planalto Central. Fábricas de automóveis se instalavam, portos eram reequipados, Forças Armadas eram dotadas de novas armas, estradas rompiam a floresta amazônica no rumo do norte brasileiro cercado de florestas. O País passava pela maior transmutação pacífica de sua história.

José Maria Alkmim, no plenário da Câmara dos Deputados, fazendo frente à mais brilhante e vigorosa atuação oposicionista de que se tem notícia, deu – ao lado de seus companheiros do PSD e do PTB – ao Presidente Juscelino Kubitschek uma extraordinária cobertura parlamentar que não encontra paralelo na história do nosso Parlamento.

Mais do que isso, quando todas as questões se resumiam às finanças do País, que em virtude das grandes obras realizadas ameaçavam a perda do controle da inflação, José Maria Alkmim sacrificou sua atividade parlamentar esfuziante, a cada dia mais surpreendente e brilhante, pelos encargos difíceis do Ministério da Fazenda.

Sua presença no Ministério da Fazenda é uma página admirável de resistência aos gastos adiáveis, é a tradução de um esforço diário de contenção de gastos, é uma síntese perfeita do homem, capaz de financiar o desenvolvimento, concentrando nele todos os recursos disponíveis no País, sem deixar de atender, contudo, à necessidade da exatidão orçamentária. José Maria Alkmim escreveu talvez a página mais difícil da sua vida no Ministério da Fazenda e o deixou com o mais baixo índice de inflação daqueles tempos. Exatamente após sua saída do Ministério da Fazenda

da, perdeu-se o controle desses índices inflacionários que ele soube conter com rígida disciplina e com a força moral da sua honestidade indiscutível.

José Maria Alkmim não foi apenas o maior dos nossos Parlamentares, o mais eficiente dos nossos Líderes de bancada e o mais eficaz dos sustentadores de um governo. Ele foi, sobretudo, um ser de extraordinária capacidade humana. Poucos talvez aqui se lembrem de que, por mais de 30 anos, José Maria Alkmim foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte.

No início de sua gestão, um pequeno prédio no bairro de Santa Efigênia, em Belo Horizonte, exprimia a capacidade de atendimento dessa velha e antiga instituição, fundada praticamente em conjunto com a própria cidade de Belo Horizonte. Foi pelas mãos de José Maria Alkmim, ao longo de mais de trinta anos, que a Santa Casa de Misericórdia se transformou no maior conjunto hospitalar da América Latina, um extraordinário conjunto de prédios servidos dos melhores equipamentos existentes em sua época e que ele sustentou sozinho à custa de extraordinárias dificuldades, com o auxílio exclusivo de irmãs de caridade que viam nele mais um santo do que um provedor, tal a profunda dedicação com que se entregava ao mister de presidi-la.

Os fins de semana de José Maria Alkmim eram integralmente dedicados à Santa Casa de Misericórdia, que se transformou em referência nacional pela sua capacidade de atendimento à população de todo o Estado, eis que pobres de todos os rincões, desassistidos de assistência médica adequada em seus Municípios, acorriam a Belo Horizonte e ali, diante dos portões abertos da Santa Casa de Misericórdia, recebiam o que havia de melhor na medicina e na assistência hospitalar do tempo.

Em 1964 ou pouco antes, começaram as primeiras conversações secretas sobre a necessidade de mudança dos rumos políticos do País. Grupos dispersos em vários pontos do nosso território juntavam esforços e transmitiam informações contra um governo que caminhava decididamente, de forma suicida para o colapso das instituições democráticas.

Não quero fazer aqui o julgamento histórico da Revolução de 64. Quero apenas afirmar que, aqueles que se entregaram à sua elaboração, principalmente os civis que arriscaram a vida para organizá-la, nunca tiveram, ou sustentaram, ou se animaram com a idéia de governos militares sucessivos por vinte anos. O que se pretendia então era restaurar a hierarquia militar, subvertida pela ascensão de cabos e sargentos à condição de marechais e de almirantes. O que se pre-

tendia era resguardar a democracia de um movimento que caminhava para aquilo que se chamava república sindicalista, embora não se tivesse sequer noção exata do significado dessas expressões. O que se pretendia – aquilo por que tantos se arriscaram tanto – era exatamente a preservação de uma democracia que se perdeu nos descaminhos de uma revolução feita com outro sentido.

Na casa de José Maria Alkmim, na Rua Pernambuco, esquina da Avenida do Contorno, que felizmente até hoje se conserva tal qual quando habitada por ele, reuniam-se ou para lá convergiam as informações todas e as mais secretas sobre o movimento que se preparava.

Vi-o, nesta ocasião, como Deputado Estadual recém-eleito, extraordinariamente sagaz na separação dos fatos das versões. Sempre com a visão límpida dos acontecimentos. Jamais se deixando enganar por boatos, ainda que fundamentados em aparentes verdades, separando sempre o joio do trigo e conduzindo todos sempre amável, sereno e equilibrado no rumo da conjugação de todos os esforços num único sentido.

Foi nesta ocasião que o Governador Magalhães Pinto finalmente convencido da necessidade da revolução, convidou-o para representar o Partido Social Democrático no seu Governo, como Secretário da Fazenda.

É preciso ter em mente o diálogo democrático que se travava em Minas Gerais entre o Partido Social Democrático e a União Democrática Nacional. Era uma luta sem quartel. Os terrenos eram visivelmente demarcados. Não havia transferência de Deputados de um partido para outro, pois isso importava um suicídio político, uma espécie de guilhotina iminente.

Os partidos tinham feição, tinham caráter, tinham perfil, tinham personalidade, tinham chefes. Os partidos tinham programas, tinham propósitos e tinham compromissos. Não vivíamos esse ambiente gelatinoso de hoje em que não se tem idéia nítida da luta parlamentar, porque não se sabe quais são as posições adotadas pelas dezenas de grupos em que se pulveriza a opinião pública nacional.

Um pessedista pertencer a um governo udenista só mesmo em função de interesses extraordinariamente superiores. E José Maria Alkmim, o opositor sem quartel, o homem a todo dia contrário ao Governo de José Magalhães Pinto, entra cercado de uma avalanche de correligionários no Palácio da Liberdade, para trazer com o seu nome o penhor de garantia da vitória, posto que com ele seguia toda a falange poderosa do Partido Social Democrático.

Foi da junção desses dois partidos, na atitude rebelde de José Maria Alkmim, que a Revolução se fez vitoriosa e finalmente assumiu o poder.

Muitos foram os que se decepcionaram, muitos os cassados, os exilados, os afastados, muitos os que viram subitamente supressa a sua capacidade de participar da vida pública brasileira, e muitos outros os que, por desencanto, renunciaram à vida pública, porque não quiseram ser coniventes com os caminhos tomados pela Revolução.

Antes, porém, que esses fatos se desenhasssem no horizonte, José Maria Alkmim foi feito Vice-Presidente da República do primeiro Presidente revolucionário, o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco. Acredito que tenha sido esta a sua missão mais difícil, a mais delicada, a mais controversa. Apesar disso, nunca perdeu o elã nem a boa educação, nem a gentileza, nem o chiste, nem o prazer da conversa. Convivendo, embora com atos revolucionários, soube preservar-se, sem se acovardar. Soube afastar-se, sem contudo deixar de exercer com extraordinária dignidade sua função de Vice-Presidente da República.

Pouco depois, a doença o acometeu e, após curto prazo, desaparecia de nossa vida o vulto extraordinário de José Maria Alkmim.

No ambiente da Câmara dos Deputados, há de ser sempre lembrada essa figura simpática e amena. Hão de ecoar nos Anais de nossa Casa, para toda a eternidade, o bom senso de seus discursos e a coragem das suas atitudes.

Lembro-me de uma fase em que a Câmara dos Deputados esteve na iminência da dissolução. Num daqueles episódios que precederam a eleição de Juscelino Kubitschek, tempos tumultuados, José Maria Alkmim foi à tribuna da Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, e num discurso célebre declarou que era preferível que se fechasse a Câmara a ter ela que legislar com a baioneta na ilharga.

Esse era o homem. Mineiro simples, modesto e extraordinariamente capaz, amigo devotado a ponto de se ter transformado na âncora principal de garantia da eleição e da sustentação parlamentar do Governo de seu amigo de juventude, Juscelino Kubitschek. Mas um Líder parlamentar apto a todos os combates, irresistível na réplica, imbatível na ironia e, sobretudo, um homem capaz, da tribuna da Câmara dos Deputados, de reptar as forças contrárias à democracia a fechar o Congresso, ao revés de humilhá-lo.

Homens como esse, tão ricos de acontecimentos, tão extraordinariamente fecundos em atos de construção da grandeza do País, não podem ser re-

tratados em um simples discurso. É possível pegar um ou outro ponto culminante da sua vida, reproduzir qualquer outro fato expressivo da sua conduta, traçar em largas pinceladas em um pobre painel de cores esmaecidas o que foi o conjunto da sua vida. Vidas como essa necessitam de biógrafos capazes de captar a essência da sua alma, a aura que o cercava, aquilo que os gregos chamavam, de maneira mal apropriada pelos contemporâneos, de carisma. Ou seja, um certo fulgor, uma certa animação, um certo brilho, um certo tom de voz, uma certa presença. Tudo isso excepcionalmente traduzido na presença de um grande homem.

A mocidade brasileira contemporânea talvez não tenha notícia exata do que foi esse grande homem. E mesmo muitos que têm assento na Câmara dos Deputados não podem dimensionar, sequer aproximadamente, o valor desse vulto extraordinário. Ele teve a sorte de pertencer à mais competente geração política brasileira, que foi a do regime constitucional de 1946. Essa geração só encontra paralelo na geração da independência nacional, pelo número de grandes homens que reunia, pelo talento que possuíam esses homens, pela experiência política, pelo desvelo, pela entrega total de suas disposições pessoais à vida pública. Épocas em que a história do País se escrevia neste Parlamento, épocas em que os fatos marcantes da vida nacional eram aqui travados, inspirados e criados.

Necessito, portanto, de um biógrafo capaz de reproduzir, por intermédio de exaustivo exame, todo o conjunto das suas qualidades, sobretudo toda a extraordinária significação da sua atividade parlamentar. É com sentimento de pesar que deixo esta tribuna, pesar por não ter podido reproduzir sequer de longe o valor intrínseco dessa extraordinária personalidade.

Nós o víamos em sua casa, na Rua Pernambuco, e na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro e em Brasília, como uma figura de relevo excepcional. Admirávamos sua maneira de ser, aplaudíamos sua atividade parlamentar e tínhamos sua figura como modelo. E tudo isso ou nada disso consegui reproduzir sequer palidamente neste discurso, que me é ditado mais pelo coração do que pela razão.

Quando os valores políticos em nosso País voltarem à tona e o Congresso Nacional finalmente, entre maioria e minoria, cumprir o papel de relevo que deve ter na vida nacional, quando a história política brasileira voltar a ser escrita no Parlamento, José Maria Alkmim crescerá então na memória das gerações futuras como um dos criadores, um dos aperfeiçoadores desse sistema democrático, que não vive sem o

talento, não vive sem a dedicação, não vive sem o debate e não se salva senão pela profunda dedicação de homens de talento e de amor à Pátria como José Maria Alkmim. (*Palmas.*)

Durante o discurso do Sr. Ibrahim Abi-Ackel, o Sr. Cleuber Carneiro, § 2º do art. 18 do Regimento Interno, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Salatiel Carvalho, 2º Suplente de Secretário.

O SR. PRESIDENTE (Salatiel Carvalho) – Dando seqüência à sessão solene em homenagem ao centenário de nascimento de José Maria Alkmim, concedemos a palavra ao representante do PSDB, Deputado Danilo de Castro. S.Exa. dispõe de até cinco minutos.

O SR. DANILO DE CASTRO (PSDB – MG. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, filhos, familiares de José Maria Alkmim, Ministro Carlos Velloso, venho à tribuna como representante do meu partido para falar de um vulto importante da história política de Minas Gerais e do Brasil.

Ainda criança convivi um pouco com José Maria Alkmim, levado pelo meu pai, então presidente do PSD de Viçosa, cidade que se plantava contra o regime forte do ex-Presidente Arthur Bernardes, contra as duras investidas da UDN.

A biografia e a história de José Maria Alkmim foram brilhantemente descritas pelo Deputado Ibrahim Abi-Ackel, na forma costumeira, na elegância e na oratória vibrante de S.Exa.

Como representante do PSDB, presto nesta oportunidade a merecida homenagem a um dos grandes políticos brasileiros, um dos mais eminentes filhos de Minas Gerais, que, no transcurso de mais de quarenta anos de vida pública, além de Deputado Federal, exerceu o cargo de Ministro da Fazenda de JK, de janeiro de 1956 a junho de 1958.

A passagem de Alkmim pelo Ministério da Fazenda é hoje referência e uma reflexão que leva aos tecnocratas que hoje conduzem a economia do Brasil.

No Governo do Presidente Castello Branco, chegou à Vice-Presidência da República, sempre se distinguindo pelas virtudes do talento, da probidade administrativa e, em especial, do raciocínio ágil e da inteligência responsável pela criação de uma série de frases e lições memoráveis.

Entre as muitas funções que lhe foram confiadas, incluem-se ainda as de Presidente do Tribunal de Contas, Secretário do Interior e Justiça, Secretário de Fazenda, Secretário de Educação, em Minas Gerais,

e Diretor do **Correio Braziliense**, logo em seguida à sua fundação.

Durante a gestão do Governador Valadares, Alkmim empregaria sua competência e preparo na construção e direção da Penitenciária Agrícola de Neves, verdadeiro marco na evolução do sistema penitenciário brasileiro. O interesse pela área levou Alkmim a participar, em seguida, de numerosos congressos sobre problemas penais e recuperação de detentos. Para ele não era certo que um ser humano, qualquer que tivesse sido seu crime, vivesse preso numa cela. Dizia: "A boa prisão é aquela que não piora o homem". Portanto, empenhou-se em favor de inovações como trabalho e pagamento para os presidiários.

Com certeza, o passado do menino pobre nascido em Bocaiúva, Município do interior de Minas Gerais, foi um dos estímulos mais fortes e efetivos no exercício de sua profícua atividade política.

Em conformidade com esse espírito, desenvolveu trabalho notável de cunho social também com relação à Santa Casa de Misericórdia, da qual foi provedor desde 1938.

Com Benedito Valadares, Juscelino Kubitschek, Israel Pinheiro, Gustavo Capanema, Ovídio de Abreu e outros ilustres nomes da política mineira, integrou o grupo fundador do Partido Social Democrático, o PSD.

O Sr. Bonifácio de Andrada – V.Exa. me concede um aparte, nobre Deputado?

O SR. DANILO DE CASTRO – Com muito prazer ouço V.Exa..

O Sr. Bonifácio de Andrada – Nesta hora em que a Casa homenageia a extraordinária figura de José Maria Alkmim e em que, por certo, foram focalizadas suas atividades como homem público, relembro sua personalidade no convívio, nas atividades e nos diálogos, às vezes informais, em que sua inteligência se fazia muito presente. Lembro muito bem de José Maria Alkmim, sobretudo da lhaneza, da maneira fina e elegante com que tratava qualquer pessoa, desde as mais humildes às personalidades mais poderosas de sua época. Relembro também sua habilidade política sobretudo nos entendimentos, na fala, na conversa. Era bem mineiro na elegância em se comportar, em saber dizer "não" parecendo dizer "sim"; em saber dizer "sim" quando estava, na realidade, dizendo "não". Criava sempre ao redor do seu diálogo certa perspicácia, certa grandeza ao encaminhar situações para alcançar os objetivos que tinha em vista, por ser homem determinado nas finalidades a que se propunha dentro da vida pública. Era patriota e realista, bem de acordo com o comportamento mi-